



Rememorações de idosos sobre transformações ambientais em Seropédica: uma análise psicossocial

Recollections of elderly on the environmental transformations in Seropédica: a psychosocial analysis

Ronald Clay dos Santos Ericeira
Rosa Cristina Monteiro
Cecilia Maria da Rocha Ribeiro
Julia da Silva Xavier
Juliana Gomes Braz Vargas
Julianne Haru Gomes Horita
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo relatar parcialmente uma pesquisa da memória social de idosos da cidade de Seropédica, no Rio de Janeiro, sobre transformações ambientais pelas quais passou a região nas últimas décadas, particularmente no que se refere à transição de uma sociedade tipicamente rural a uma sociedade urbanizada com resquícios de ruralidade. Os procedimentos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa empírica foram articulados numa perspectiva psicossocial integrada aos estudos da memória. Os entrevistados foram 40 mulheres e 5 homens moradores da cidade de Seropédica, frequentadores do Núcleo da Melhor Idade do referido município. Os idosos tinham idade entre 55 e 80 anos. A coleta de dados foi feita por alunos de graduação em Psicologia da UFRRJ que utilizaram um roteiro de entrevista semiestruturado e o método de história de vida. Os dados foram analisados em busca de regularidades e da saturação dos conteúdos da memória social da região.

Palavras-chave: memória; ambientes sociais; idosos

Abstract

The article aims to analyze the social memory of the elderly from Seropédica through an investigation about environmental changes this city has undergone in the last decades. The theoretical and methodological procedures underlying the empirical research were articulated in an integrated psychosocial perspective to the study of memory. Respondents were 40 women and 5 men living in the city of Seropédica. The elderly were aged between 55 and 80 years. Data collection was done by UFRRJ psychology graduate students, who used a semi structured interview guide and the method of life history. Data were analyzed for regularities and saturation of the contents of social memory region.

Keywords: memory; social environments; aged

Introdução

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ - possui o seu *campus* principal localizado em uma região peculiar da geografia do Estado do Rio de Janeiro: a



Baixada Fluminense¹, que integra a região metropolitana da capital. Situado em terras que formaram, no passado, a antiga Fazenda Jesuítica, o perímetro da Universidade compreende uma vasta região a partir da cidade de Seropédica. No século XIX, dotada de terras férteis, a economia da Baixada Fluminense, até 1880, era baseada em atividades agrícolas, exportando, em grande escala, cereais, café, farinha, açúcar e aguardente. No final deste mesmo século, a região teve uma onda de progresso industrial, em função da riqueza dos mananciais hídricos e com a instalação de indústrias têxteis, que sucumbiram na primeira metade do século XX (Neto & Monteiro, 2008).

Em particular, a história de Seropédica está ligada à produção de seda. A região, na época chamada de Segundo Distrito, era conhecida por produzir uma das melhores do mundo. O próprio nome da cidade mostra essa ligação com a produção de seda. O termo Seropédica surgiu da formação de duas palavras: *sericeo*, de origem latina, que significa seda e *paidós*, de origem grega, que significa tratar ou consertar. Seropédica seria, portanto, um local onde se tratava a seda. Com efeito, essa cidade é originária da fazenda Seropédica do Bananal de Itaguaí, de propriedade de Luiz Resende, que por volta de 1875 chegou a produzir cerca de 50 mil casulos de bichos da seda por dia.

Com a abolição da escravatura houve considerável êxodo dos antigos escravos, ocasionando uma série crise econômica. Esse fato, aliado à carência de transporte e à insalubridade da região, fez com que as grandes plantações agrícolas desaparecessem, bem como provocou o declínio da produção de seda na região.

Em meados de 1930, começaram, em Seropédica, as obras do Centro Nacional de Estudos e Pesquisas Agronômicas, onde atualmente funciona a UFRRJ. Esta, em 1948, teve seu *campus* transferido para as margens da antiga rodovia Rio-São Paulo, hoje BR-465. Os movimentos populacionais em torno da Universidade promoveram a chegada de equipamentos urbanos que alteraram uma parte considerável da paisagem do município (Santos, 2008).

Em termos gerais, no transcurso de 1950 e 1960, a Baixada Fluminense atravessou um período histórico conturbado durante o qual foi palco de conflitos de terra, protagonizados por grileiros em oposição aos agricultores familiares descendentes de escravos livres e mestiços, e por herdeiros das fábricas falidas que tentavam despejar os ex-operários que ocupavam terras das fábricas. A ditadura militar estancou os conflitos, retornados nos anos de 1980. No entanto, atualmente, há um expressivo número de assentamentos de reformas agrárias na região (Alves, 2003).

Apesar da presença da UFRRJ e de outros institutos federais de pesquisa e extensão rural, o território de Seropédica teve o mesmo destino dos demais municípios da Baixada

¹Os municípios que compõem a Baixada Fluminense são: Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Mesquita, Magé, Guapimirim, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí.



Fluminense, em que a ocupação socioambiental das instituições públicas contrasta com o modo mais frequente de habitação no incipiente contexto urbano, caracterizado por habitações precárias, com falta de infraestrutura e de serviços básicos. Além disso, é notória a ausência de políticas públicas eficazes em diversos setores: pavimentação, saneamento e abastecimento de água, saúde, educação, cultura, esporte e lazer (Neto & Monteiro, 2008).

Em 1995, face à edição da Lei n.º 2.446 de 12 de outubro, Seropédica tornou-se independente de Itaguaí. Sua prefeitura foi instalada em 01 de janeiro de 1997. Com a emancipação, a cidade teve sua economia movimentada e ganhou obras de infraestrutura, que permitiram definir um perímetro urbano de grande densidade. Este vem se ampliando pela própria expansão da Universidade Rural e suas áreas de influência, e, mais recentemente, pela construção de uma obra de grande impacto socioambiental: a construção do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, que faz parte do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) dos governos federal e estadual. A obra afeta áreas onde ainda há resíduos de ruralidade de importância sociocultural, representando uma provável perda de identificação cultural e de coesão territorial.

A contemporânea realidade ambiental de Seropédica e da Baixada Fluminense em sua totalidade apresenta um quadro completamente diverso do seu passado rural, longínquo, mas que ainda apresenta uma imperfeita urbanização que emerge. Em termos populacionais, os municípios da Baixada foram povoados, até recentemente, por migrantes oriundos de todas as partes do Brasil, especialmente do Nordeste e dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, que vieram em busca da sobrevivência, trabalhando por baixos salários, escolarizando-se raramente e sem qualificação profissional. Na atualidade, a população da Baixada Fluminense aponta para um contingente de aproximadamente oito milhões de pessoas.

E mais, em certa medida, a população da cidade de Seropédica acompanha o processo de envelhecimento nacional. O Brasil ocupa o sexto lugar no mundo no que tange à população de idosos, atingindo a cifra de 11 milhões de pessoas acima de 60 anos. Para 2025, as previsões estimam que o país tenha 32 milhões de idosos, ou seja, quase 15 % da população serão de pessoas na terceira idade. A oferta de melhores condições sanitárias, bem como a cura e o tratamento de diversas doenças contribuem para o aumento da expectativa de vida dos brasileiros. No caso de Seropédica, o contingente de idosos ultrapassa os 10 % da população local.

Como hipótese de investigação, partimos do pressuposto de que nos contextos de transição do rural ao urbano, ainda em curso, como a Baixada Fluminense, em particular Seropédica, as memórias de seus moradores idosos são fontes importantes de informação



sobre o passado da região². A reconstrução da memória social do município, através de seus protagonistas diretos tem dupla relevância nesse caso: em primeiro lugar, os dados permitirão identificar o patrimônio imaterial da região que deve ser reapropriado em termos de uma nova territorialidade. Em segundo lugar, porque sendo um estudo envolvendo ação e reflexão, permite uma aproximação efetiva da Universidade Rural da população de seus entornos. Isso porque os moradores da cidade continuamente se questionam sobre o papel dessa Universidade para os habitantes de Seropédica.

Em nossas pesquisas exploratórias, os idosos percebem a *RURAL* com certo distanciamento, pois a maioria de seus moradores não tem acesso aos cursos dessa instituição, sendo obrigados, frequentemente, a se deslocarem a outros municípios da região para cursarem o nível superior de ensino. Vale registrar ainda que os idosos atribuem o aumento dos preços de imóveis e de demais produtos em Seropédica em razão da presença de estudantes de diversas partes do país que se destinam à região para estudarem na UFRRJ.

Nesse sentido, visando fomentar e consolidar pesquisas correlacionadas com a temática da memória no contexto rural fluminense, em seu âmbito coletivo, buscamos identificar as formas pelas quais os idosos de Seropédica rememoram as transformações da paisagem natural da cidade, que, reiteramos, assumiu uma fisionomia menos rural e mais urbana.

Discussão teórica

Há séculos a memória humana é um tema que desperta o interesse nos estudiosos de diversas áreas: filósofos, psicólogos, antropólogos, historiadores, neurologistas, para citar alguns. Sem memória, não haveria a transmissão nem de conhecimentos nem de valores de uma geração a outra (Bosi, 1994). Sem memória, as pessoas e os povos, de maneira geral, perderiam suas noções identitárias (Halbwachs, 1950/2006). Nas palavras de Izquierdo (2002), “somos literalmente aquilo que recordamos” (p. 9).

Em uma perspectiva cronológica, vale dizer que a memória, antes de ser compreendida como um processo psicológico, era associada à esfera mítica. Nesse bojo, são oportunas as observações de Vernant (1973) e Détiene (1992). Este, por exemplo, afirma que se o país dos mitos existe, ele está situado em alguma parte dos confins da memória e do esquecimento. Por sua vez, Vernant (1973) relembra que, inicialmente, a noção de memória estava ligada à Deusa Mnemosyne, detentora da capacidade de transportar os homens ao coração dos acontecimentos antigos. Somente no período platônico, a memória foi concebida como uma faculdade mental, sendo, na época aristotélica, atrelada à ideia de um tempo decorrido: a memória seria o reservatório mental de fatos e experiências do passado (Ericeira, 2009).

² Convém frisar que há poucos registros historiográficos sobre as transformações sociais pelas quais passou a Baixada Fluminense nas últimas décadas, entre eles, destacamos: (Alves, 2003) e Santos (2008).



É esta noção da memória como sendo do passado o fulcro das investigações fenomenológicas de Ricoeur (2008). Em sua visão, o trabalho mnemônico tem como finalidade a recordação dos eventos vividos, impedindo-os de serem esquecidos. Um detalhe significativo, a ser sempre enfatizado, é que o ato de lembrar seria acompanhado inelutavelmente por uma operação de esquecimento. A memória teria uma dimensão seletiva, já que seria humanamente impossível lembrar-se de tudo (Pollack, 1992).

Trazendo o debate para o âmbito do saberes psicológicos, as abordagens cognitivistas, por exemplo, formularam vários modelos teóricos criados para explicar o funcionamento da memória humana, entre os quais podemos citar: a memória como um computador, de Neisser; o modelo modal, de Atkinson e Shiffrin; e o modelo multicomponente, de Baddley e Hitch (Ericeira, 2013).

Por outro lado, segundo Sá, Oliveira, Wolter e Vetere (2011), o estudo da memória social abrange um amplo campo conceitual com cinco princípios teóricos unificadores. O primeiro refere-se à característica construtivista dos processos mnêmicos, ou seja, a memória não conserva o passado, ela o reconstrói a partir do presente. Segundo, embora a rememoração seja um ato individual, a memória é intrinsecamente determinada pelas vivências dos grupos sociais aos quais os sujeitos pertencem. Terceiro, a atualização e a manutenção da memória social acontecem devido à comunicação e às trocas sociais. Quarto, a memória social e o pensamento social estão estreitamente vinculados. Em outras palavras, o que é lembrado do passado depende, em certa medida, do conhecimento adquirido sobre o passado. Quinto, os sentimentos e as motivações desempenham um papel fundamental na construção das memórias sociais (Sá, 2007).

Convém acrescentar que esse campo analítico não está livre de tensões ou conflitos. As memórias consideradas oficiais e hegemônicas são pertencentes comumente aos grupos e segmentos sociais dominantes. Por outro lado, as memórias dos setores minoritários ou discriminados tendem a ficar nos subterrâneos da sociedade, apenas emergindo em situações de rupturas sociais ou de revoluções (Pollack, 1992).

Outra forma de sistematizar o estudo do funcionamento da memória em sociedade é mapear diferentes instâncias pelas quais as memórias sociais podem ser articuladas pelo psicólogo, a saber: memórias pessoais, memórias históricas, memórias comuns, memórias coletivas, entre outras. As memórias pessoais referem-se às rememorações individuais, ou seja, as experiências sociais e culturais que cada sujeito teve em sua trajetória de vida. As memórias históricas aludem às recordações de fatos, processos e eventos que se tornaram históricos para os diferentes grupos sociais. As memórias comuns são formadas pelas lembranças de pessoas que foram expostas às mesmas experiências e fatos, são, portanto, memórias sociais. No entanto, as memórias comuns não chegam a se constituírem como memórias coletivas posto elas não serem objeto de elaboração cognitiva no interior dos grupos sociais. Isso porque as memórias coletivas são representações do passado que uma



coletividade de sujeitos produz, guarda e transmite às gerações futuras (Sá, Oliveira, Wolter, & Vetere, 2011).

Partilhando esse sentido de conceber a memória social como uma representação coletiva do passado é que priorizamos neste estudo as concepções teóricas de Halbwachs (1950/2006), que estuda a função mnêmica não como um processo mental individual, mas a partir de quadros sociais. Em sua visão, a memória está interligada ao contexto social (família, escola, religião, espaço social). Em outras palavras, a memória pessoal não está isolada e fechada, mas referenciada em pontos fora do sujeito, determinados pela sociedade (Halbwachs, 1950/2006).

Convém frisar que além dessa revisão bibliográfica supracitada sobre os estudos da memória social, fizemos também um diálogo entre as noções de memória e terceira idade a partir das pesquisas de Bosi (1994). Compartilhamos com a autora tese que, em diversos contextos culturais, os idosos são encarados como os *guardiões da memória* coletiva na maioria dos grupos sociais. Nestes, as recordações dos mais velhos seriam elementos de mediação entre as gerações atuais e as testemunhas do passado. É através das lembranças dos idosos, portanto, que os valores, os conteúdos da tradição e demais constituintes de uma cultura mantêm-se vivos, sendo repassados de uma geração a outra (Bosi, 1994). Nesses termos, há uma estreita congruência entre as ponderações de Halbwachs (1950/2006) e as pesquisas de Bosi (1994). No pensamento de ambos, a atividade mnêmica é uma função eminentemente social exercida pelos sujeitos que se dispõem a rememorar. No caso específico da velhice, há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um membro propulsor da vida presente do seu grupo. Neste momento, o velho passa a ser a memória da família, dos grupos, das instituições, das sociedades (Bosi, 1994).

Objetivos e métodos

Reiteramos que nosso objetivo era identificar como idosos construíram a memória coletiva das principais transformações ocorridas na paisagem de uma cidade em específico da Baixada Fluminense, qual seja: Seropédica. Os participantes da pesquisa consistiram numa amostra de 40 mulheres e de 5 homens, participantes do Núcleo da Melhor Idade de Seropédica. Essa diferença entre os sexos dos entrevistados decorre do fato de a instituição ser frequentada principalmente por mulheres. A idade dos idosos variava entre 55 e 80 anos de idade. Suas escolaridades variavam entre os semianalfabetos até o nível médio completo³.

³ Cabe esclarecer que para este artigo, priorizamos trazer à baila fragmentos de histórias de vida daqueles moradores que viveram em Seropédica desde o nascimento ou que moram na cidade há mais de trinta anos. Muitos deles frequentam o Núcleo da Melhor Idade três vezes por semana em busca de atividade física, de atendimento médico e de contato social com coetâneos, já que, em sua maioria, estão viúvos e os filhos moram em outras cidades ou mesmo em outros estados da federação. Quanto às ocupações dos interlocutores antes de



Quanto à coleta de dados, empregamos o método de história de vida. Esta metodologia foi escolhida por proporcionar maior aproximação dos pesquisadores com os sujeitos entrevistados, já que privilegia as exposições das experiências pelos próprios participantes (Bosi, 2003). No método de história de vida, o pesquisador não se preocupa em confirmar a “veracidade” dos fatos, pois para ele o importante é o ponto de vista do sujeito (Glat & Pletsch, 2009). Outrossim, convém esclarecer que o objetivo principal desse método é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio de histórias de vida tentamos compreender o universo social do qual ele faz parte. Na história, ao fazer uma narrativa de si, o sujeito finda por fazer uma reconstrução do passado do seu grupo social (Silva, 2007).

No que tange à coleta de dados, após a observação do funcionamento do Núcleo da Melhor Idade, foram feitas entrevistas pelos alunos do curso de Psicologia da UFRRJ. Deixávamos o idoso falar livremente sobre sua história de vida. A partir de suas respostas, os entrevistadores formulavam questões para esclarecer determinado ponto, porém a direção da conversa estava a critério do entrevistado. Não havia um tempo limite para a entrevista, que variava conforme a disposição do idoso (Glat & Pletsch, 2009).

Na análise do conteúdo das entrevistas, recorremos ao conceito de *saturação* de material (Tinoco, 2007). Rastreamos as repetições de ideias e de opiniões dos entrevistados. Essa saturação nos possibilitou identificar regularidades nas recordações dos moradores idosos de Seropédica. Esses conteúdos mnêmicos foram agrupados por categorias temáticas, apresentadas a seguir.

Resultados e discussões

Em suas pesquisas sobre memória social, Bosi (1994; 2003) frisa que depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem ser tomados como teorias totalizantes dos processos sociais. Por outro lado, a autora enfatiza que uma história oficial, embasada unicamente em documentos oficiais, não dá conta das vivências individuais que estão subjacentes aos episódios sociais. Ao solicitarmos aos idosos de Seropédica que nos narrassem suas trajetórias biográficas, deixávamos que eles falassem livremente sobre suas diferentes fases de vida. Todavia, ao analisarmos e compararmos os conteúdos dessas narrativas, percebemos que muitas rememorações dos idosos se apoiavam em um fato histórico comum a todos: a emancipação da cidade de Seropédica e as mudanças ocorridas com essa independência política do município. Aliás, suas memórias pareciam ser marcadas por duas temporalidades: antes e depois desse fato histórico local.

aposentarem, muitas mulheres foram donas-de-casa ou exerciam dupla jornada de trabalho: atividades fabris e tarefas domésticas. Por sua vez, os homens foram agricultores ou pequenos comerciantes da região.



Convém frisar essa relação da memória coletiva dos idosos de Seropédica com um fato histórico em particular não é primazia desse grupo social. A escola de sociologia francesa, desde o início do século XX, já vaticinava que a passagem do tempo é medida por referências compartilhadas socialmente: dias, semanas, meses, festas, dias de trabalho e feriados. Em particular, cada sociedade elege os fatos, as revoluções e as mudanças sócio-políticas que serão englobadas pela memória histórica daquele grupo. Tais marcos históricos fornecem indícios de identificação coletiva aos sujeitos e servem de esteio para a construção da memória social dos grupos (Halbwachs, 1950/2006).

Tributários desse viés teórico, optamos, neste artigo, por um fazer um recorte nas histórias de vida dos sujeitos, enfocando suas memorações no que tange às transformações ocorridas em Seropédica após sua emancipação. Baseando-nos nas formulações de Bosi (1994), ao reconstruirmos histórias de vida dos idosos entrevistados, nós não pretendíamos resgatar a versão oficial da história do município, mas examinar os sentidos atribuídos pelos idosos às mudanças paisagísticas e socioeconômicas na cidade, as quais lhe proporcionaram assumir feições mais urbanas, ainda que deficitária em diversos serviços públicos e privados oferecidos à população local.

Assim, nesse primeiro momento de nossa análise, enfocamos a relação dos idosos com espaço de Seropédica, ou melhor, com as transformações ocorridas nesse espaço nas últimas décadas. Nesse propósito, cabe recordar Halbwachs (1950/2006), que estudou a influência dos espaços sobre a memória dos grupos sociais. O autor parte da visão que os objetos, as habitações, os logradouros, impõem às comunidades uma imagem de estabilidade e de continuidade ao longo do tempo. Assim, para Halbwachs (1950/2006), o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. O espaço recebe marcas do grupo e vice-versa. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar teria um sentido inteligível apenas para os membros desse grupo. Halbwachs (1950/2006) sintetiza que não haveria memória coletiva sem referência a um contexto espacial, isto é, não haveria nem grupo nem qualquer gênero de atividade coletiva que não tenham alguma relação com o espaço.

Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que as memórias remotas da infância e da adolescência dos idosos entrevistados estavam estreitamente relacionadas com o espaço onde nasceram ou viveram muitos anos de suas vidas. Muitos relataram episódios acontecidos em uma Seropédica onde predominavam paisagens e hábitos considerados eminentemente rurais. Eis alguns fragmentos sinalizadores dessas visões:

Minha infância foi muito fechada, no KM 54. Minha família tinha um sítio que não tinha nem água e nem luz. Era lampião, tudo muito primitivo. Quando chegou luz, eu tinha 10 anos... mas mesmo assim foi uma infância bonita e pura. Depois, na adolescência já melhorou um pouquinho, mas ainda não tinha quase nada... (2011, Informe verbal fornecido por I.C, 58 anos).



Minha infância aqui foi uma infância rural... Ajudava meu pai. Ele tinha plantações e criações, coisas assim... É como eu falo: hoje é a época da galinha morta! No meu tempo, a gente matava a galinha. Agora, o pessoal não quer saber mais de criar galinha no quintal não; já tem ela morta e pronta no mercado. (2011- Informe verbal de A.S, 64 anos).

Quando eu era criança aqui não tinha asfalto, era tudo barro. Pra sair, eu sujava os pés. Tinha até que levar pano na bolsa pra limpar depois. Depois que tomamos conta do lugar é que a vida foi melhorando um pouco. (2011 - Informe verbal de N. A. P, 65 anos).

Minha infância foi maravilhosa. Esse lugar aqui é muito bom... a gente ainda bate na porta do vizinho pra pedir uma colher de açúcar. Quando criança, quando abria uma padaria nova, nós íamos até lá tomar sorvete: esse era nosso passeio (risos)... Ir a cinema? Nem pensar porque aqui não tinha cinema... (2011 - Informe verbal de S.E.B, 58 anos).

Nos fragmentos de memória supracitados, são explícitas as referências de cunho afetivo ao espaço físico de Seropédica. Muitos relatos sobre a infância e a adolescência dos entrevistados são baseados nos locais, onde esses idosos moravam, passeavam e brincavam. Assim, não foram raras às alusões aos pastos, aos pomares, às ruas de barro, ou seja, aos elementos que compunham a paisagem rural de Seropédica. Embora carentes de serviços básicos, tais quais luz, saneamento básico e rede de esgoto, muitos idosos representaram suas infâncias rurais como puras, belas e maravilhosas.

No que tange às percepções coletivas sobre as modificações sofridas nos distintos espaços de habitação, Halbwachs (1950/2006) enfatiza que os grupos tão-somente teriam ciência das mudanças estruturais dos espaços físicos quando a aparência de casas, ruas e bairros alteram-se. E mais, muitas vezes, essas modificações geram mal-estar e sentimentos de perda de referências de identificação. A propósito, Halbwachs (1950/2006) nos adverte que a população não sofre as modificações ocorridas no seu espaço de habitação de forma passiva. O grupo encontra mecanismos de resistência e de demonstração do seu inconformismo com as mudanças em seus locais de moradia. Isso aconteceria porque a proximidade no espaço criaria, entre os membros de uma localidade, as relações sociais: uma família, uma comunidade religiosa, laços de amizade e de vizinhança. Nessa ótica, os habitantes de uma cidade ou de um bairro formariam uma pequena comunidade, visto estarem reunidos em um mesmo espaço.

Retomando o foco de nossa pesquisa, vale reiterar que a maioria dos idosos apenas passou a perceber transformações mais acentuadas em Seropédica após a emancipação. Representativa parcela dessas modificações, apreciada como positiva conforme os relatos de história de vida, foi associada ao desenvolvimento urbano da cidade. Vejamos alguns fragmentos de memória que ilustram tais pontos de vista:



Lembro quando houve a emancipação em Seropédica. Acho que foi muito boa pra cidade. Depois que ela aconteceu, as ruas melhoram muito. Teve crescimento na área de saúde. Antes não tinha o posto; agora, tem. Era tudo muito difícil, depois melhorou. Também houve crescimento no comércio e na educação (2011 - Informe verbal de I.M.M. 78 anos).

A emancipação foi ótima. Gostei muito das transformações. Só precisa diminuir a quantidade de carros. O pedágio que eu pensei que fosse diminuir não adiantou, não fez diferença nenhuma. Agora tá bom, onde eu moro, tem mercado, tem padaria, tem tudo que eu quero (2011 - Informe verbal de S.M, 64 anos).

Lembro que antes da emancipação não tinha quase nada aqui. Depois da emancipação que começaram a fazer as coisas. Era como se Seropédica fosse uma parte esquecida de Itaguaí. As ruas ficaram asfaltadas, mas ainda tem muita rua de barro (2011- Informe verbal de N.A.P, 65 anos).

Seropédica mudou muito... mudou o trânsito, aumentou a população. Na minha época, a população era bem reduzida... A cidade cresceu. Apareceram as indústrias, comércio, banco, tudo. Supermercados apareceram no lugar dos antigos mercadinhos (2011 - Informe verbal de A,S, 64 anos).

A cidade virar município foi bom... antes não tinha banco. Não tinha correio, não tinha cartório aqui. Hoje em dia tudo isso, a gente tem e não precisa ir mais pra Campo Grande ou Itaguaí pra resolver nada, dá pra fazer tudo aqui mesmo (2011 - Informe verbal de E.C.C.B, 70 anos).

Nos relatos acima, depreendemos que, em suas memórias, os idosos referem-se ao passado do município em dois momentos: um primeiro quando ele era um bairro dependente de Itaguaí; e um segundo quando Seropédica adquiriu independência política. Não aprofundamos a questão da disputa política subjacente à emancipação da cidade, pois os entrevistados pareciam recluir-se quando se aprofundavam desse tema, posto ter havido ameaças de morte no período em questão. Um dado relevante relacionado à autonomia de Seropédica foi a necessidade de contagem de residentes (vivos e mortos), visto a exigência legal de a cidade ter um número mínimo de eleitores para se emancipar. Uma reminiscência é contundente nesse sentido:

Quase que nós não conseguimos nos emancipar. Foi preciso apelar para o voto dos mortos. Eu mesmo fui lá e dei o nome do meu marido. Eles me falaram que meu marido já tinha tempo que tinha morrido, eram só os mortos recentes que podiam ser contados. Eles falavam que precisam de um número X pra emancipação e faltavam 800 e pouco. A juíza disse: se vocês comprovarem tantos mortos de tal ano pra cá, conta como voto. Nós corremos atrás. O morto tinha que ter residência aqui. E nós conseguimos. Eu participei. Foi um marco histórico (2011 - Informe verbal de D.A, 64 anos).

Em se tratando da urbanização vivida por Seropédica após a emancipação, diversos idosos assinalam os pontos positivos nesse processo socioeconômico, citando, como exemplos, o asfaltamento das ruas, a abertura de agências bancárias e postos de correios,



bem como a ampliação do comércio e a melhoria no transporte e na saúde pública. Por outro lado, alguns entrevistados sopesam a emancipação de Seropédica, quando apontaram tanto aspectos negativos quanto positivos nas transformações pelas quais o município passou nas últimas décadas. Vejamos alguns relatos:

Aqui não tinha quase nada. Não tinha transporte. Pra poder sair daqui pra outro lugar tinha que andar não sei quantos quilômetros até o ponto onde passava ônibus. Agora mudou muita coisa, melhorou o transporte... a cidade cresceu muito... Ela está cheia de rua calçada. Mas não tem mais segurança aqui... Tá cheio de assalto, briga, gritaria, estupro (2011- Informe verbal de Z.C.P, 76 anos).

Seropédica cresceu muito, mas de forma desordenada... Aumentou o descontrole no trânsito. Lutamos pra que houvesse o pedágio, pensando que iria melhorar as coisas, mas só pioraram, porque as carretas continuam... A violência aumentou muito. Antes você dormia de porta aberta. Em relação à emancipação, não foi boa, nem foi pior de tudo. Mas eu esperava mais. E tem pouco tempo que estamos com uma distribuição de correios. Aqui, porque até pouco tempo as correspondências iam pra Itaguaí. Já era pra ter saneamento básico em todas as ruas, a saúde era pra estar melhor (2011- Informe verbal de M.S.M.M, 63 anos).

Seropédica, antes da emancipação, era ótimo. Depois que emancipou... olha... ficou horrível... Muita gente! É assalto, é trânsito! Tudo piorou, tudo, tudo... Era uma cidade mais tranquila... Então, depois da emancipação, por um lado, as coisas melhoraram e, por outro, não (2011- Informe verbal de M.C.S, 70 anos).

Itaguaí não queria deixar de ter Seropédica como bairro, porque ia perder dinheiro... Então é melhor gastar o que entra aqui mesmo, para cidade crescer em vez de mandar dinheiro pra Itaguaí e ela decidir o que deveria vir pra cá (2011 - Informe verbal de E.C.C.B, 70 anos).

Com a emancipação, a cidade ganhou asfaltos, mercados, casas e prédios... mas a cidade ainda precisa melhorar muito. Falta linha de ônibus, a gente só tem uma, e ela nem vai a todos os bairros. Falta indústria para as pessoas trabalharem, tem que melhorar a saúde (2011- Informe verbal de H. V.N. 68 anos).

Nos relatos acima, muitos idosos, apesar de reconhecerem as benesses advindas com a emancipação e com a urbanização do município, parecem resistir a essas modificações ao recordarem que a antiga Seropédica, predominantemente rural, era mais tranquila, com poucos casos de violência e com a presença marcante de relações de parentesco e de vizinhança.

Conclusão

Assinalamos anteriormente que a Baixada Fluminense, na segunda metade do século XX, teve consolidada a imagem como uma região de grandes problemas sociais e de violência urbana, que perduram até hoje. Muitos desses problemas foram resultados da ausência ou da presença precária dos poderes públicos federais e estaduais, somada à



ocupação irregular da região, que acabou ficando à mercê das decisões tacanhas de políticos locais.

Inserida nesse contexto da Baixada Fluminense, elegemos a cidade de Seropédica para um estudo de caso das transformações naturais e socioeconômicas pelas quais passaram esses municípios nas últimas décadas. Cabe reiterar que nossa proposta não foi delinear a história oficial e impessoal de Seropédica, mesmo porque, como assinalamos, são poucos os registros historiográficos sobre cidade. Nosso objetivo principal foi reconstruir a história vivida afetivamente pelos munícipes idosos.

Conforme aponta Bosi (1994), cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua trajetória. No caso dos idosos de Seropédica, o fato evocado com mais detalhes é a sua emancipação política. É como se a cidade tivesse vivido dois momentos históricos bem distintos: um antes e outro depois da emancipação. Tal fato social parece fornecer a substância essencial da memória dos moradores da região.

Outrossim, falando de uma ótica psicossocial, relembramos que a memória social de um grupo é limitada pelo espaço e pelo tempo nos quais o grupo viveu (Halbwachs, 1950/2006). No caso de nosso contexto de estudo, percebemos como as rememorações dos idosos reconstróem e registram o passado rural cidade a partir de um presente que assume feições cada vez mais urbanas. Em outras palavras, algumas rememorações reconstróem-se a partir dos quadros sociais urbanizados contemporâneos (asfaltamento, desenvolvimento do comércio, abertura de agências bancárias, etc.) para marcarem uma diferença em relação ao passado do grupo, o qual, comumente, é associado à ruralidade longínqua da região. Aliás, a própria memória social do grupo já aponta para o fato de estilos de vidas rurais estarem perdendo-se inelutavelmente com o aumento desordenado da população e com crescimento econômico do município. Um fragmento de memória frisa bem o que queremos dizer: *“antigamente todo mundo se conhecia aqui, agora a cidade está maior e quase ninguém se conhece”* (2011 - Informe verbal de M.L.S, 72 anos).

Em termos factuais, Seropédica atravessa uma realidade em que espaços e estilos de vida rurais e urbanos convivem lado a lado. Por meio de histórias de vida de idosos, conseguimos identificar os aspectos negativos e os pontos considerados positivos nesse processo de urbanização do referido município. Nesses termos, vale recordar Halbwachs (1950/2006) para quem cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos interlocutores tinham um ponto de vista em particular para falar de Seropédica: eles formam um grupo social específico que se reúne continuamente para realizar atividades de naturezas diversas. Em muitos desses encontros sociais no Núcleo de Melhor Idade da Seropédica, os idosos (ex-operários, ex-comerciários, ex-agricultores, donas de casa) aproveitam para lembrar o passado de Seropédica. Suas rememorações apoiam-se umas nas outras e quando olham para trás reconstróem coletivamente as ruas de barro



batido, as árvores, as pedras antigas das casas onde nasceram e passaram sua infância e juventude. Pedras que não existem mais em sua forma material concreta, mas que ainda permanecem vivas em suas memórias, resistindo teimosamente à passagem do tempo e ao modo de vida urbano que se instala na região.

Compreendendo que tais idosos desempenham a função de guardiões da memória social de Seropédica, nossas metas, doravante, consistem em aprofundar as considerações analíticas já realizadas. Além de registrar e divulgar essas vivências comuns do passado, buscaremos registrar os conteúdos da memória coletiva de Seropédica com o recurso de fotografias dos moradores da região. A ideia é que as modificações (sociais, econômicas, paisagísticas) pelas quais passou Seropédica ao longo de sua história sejam reconstruídas e conservadas por imagens. Assim, acreditamos estar garantindo que os valores culturais e as lembranças do passado rural dos moradores dessa cidade sejam transmitidos às gerações futuras.

Referências

- Alves, J. (2003). *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH; CLIO.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1979).
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Détienne, M. (1992). *L'invention de la mythologie*. Paris: Gallimard.
- Ericeira, R. (2009). *A reconstrução do passado na Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Ericeira, R. (2013). Neuropsicologia, processos cognitivos e educação. Em V. Marques & R. Melo (Orgs.). *Psicologia e educação: conexões e diálogos* (pp. 169-182). Seropédica, RJ: EDUFRRJ.
- Glat, R. & Pletch, M. (2009). O método de história de vida em pesquisas com pessoas com necessidades educacionais especiais. *Revista Educação Especial*, 22(34), 139-154.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo: Vértice. (Publicação póstuma em 1950).
- Izquierdo, I. (2002). *Memória*. Porto Alegre: Artes Médicas.



- Neto, J. & Monteiro, R. (2008). Comunicação e construção social: os círculos agroalimentares em Mage/RJ. Em G. Cimadevilla (Org). *Comunicación, tecnología y desarrollo: trayectorias* (pp 46-58). Rio Cuarto, Argentina: UNRC.
- Pollack, M. (1992). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Ricoeur, P. (2008). *História, memória, esquecimento* (A. François, Trad.). Campinas, SP: Unicamp. (Original publicado em 1998).
- Sá, C. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295.
- Sá, C.P, Oliveira, D.C., Wolter, R.M.C.P. & Vetere, R. (2011). A memória histórica dos Anos Dourados do Rio de Janeiro: Juscelino Kubistchek e a construção de Brasília. *Memorandum*, 21, 159-174. Recuperado em 10 de outubro, 2012, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a21/saoliveirawoltervetere01>
- Santos, R. (2008). *O caminho nacional da UFRRJ*. Brasília: Abaré.
- Silva, A. (2007). Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1, 25-35.
- Tinoco, R. (2007, julho). Histórias de vida: um método qualitativo de investigação. *Psicologia: o portal dos psicólogos*. Recuperado em 2 dezembro, 2011, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos>
- Vernant, J. (1973). *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica* (B. Badejo, Trad.). São Paulo: EDUSP; Difusão Europeia do Livro. (Original publicado em 1964).

Nota sobre os autores

Ronald Clay dos Santos Ericeira é professor adjunto de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutorado em Antropologia Cultural pela UFRJ e doutorado em Psicologia Social pela UERJ. Principais interesses de pesquisa: memória cognitiva, memória social, cultura popular, educação e aprendizagem. Contato: Departamento de Psicologia (UFRRJ), Km 07 da BR 465, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil, CEP 23890-000. E-mail: ronaldericeira@yahoo.com.br

Rosa Cristina Monteiro é professora associada de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela UFRRJ. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: ruralidade, ambiente, espaço, natureza. Contato: Departamento de Psicologia (UFRRJ), Km 07 da BR 465, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil, CEP 23890-000. E-mail: rosacristina.monteiro@gmail.com



Cecilia Maria da Rocha Ribeiro é graduanda do curso de Psicologia da UFRRJ. É bolsista de Iniciação Científica pela UFRRJ. E-mail: cecim.rr@hotmail.com

Julia da Silva Xavier é graduanda do curso de Psicologia da UFRRJ. É bolsista de Iniciação Científica pelo PROIC-UFRRJ. E-mail: juliaxavier.13@gmail.com

Juliana Gomes Braz Vargas é graduanda do curso de Psicologia da UFRRJ. Foi bolsista de Iniciação Científica pelo PROIC-UFRRJ. E-mail: julianagbvargas@gmail.com

Julianne Haru Gomes Horita é graduanda do curso de Psicologia da UFRRJ. É bolsista de Iniciação Científica pela Faperj. E-mail: ju_haru@hotmail.com

Data de recebimento: 27/11/2012

Data de aceite: 10/11/2013